

cadernos do estrangeiro vol. II

**FIGURAS  
DA ARTE  
MIGRANTE  
-----  
NA CIDADE**



peteco ufrj  
oestrangeiro.org

**cadernos do estrangeiro vol. II**

**FIGURAS DA ARTE MIGRANTE NA CIDADE**

Coordenação: Mohammed ElHajji

Realização: [oestrangeiro.org](http://oestrangeiro.org)

PET-ECO

Rio de Janeiro

2017

# Caderno do estrangeiro Vol. II • Figuras da arte migrante na cidade

## **Equipe técnica:**

**Coordenação:** Mohammed ElHajji

**Seleção e revisão:** Daniel Edgardo

**Edição, revisão e diagramação:** Ugo Flores

**Capa:** Kadu Barros

## **Autores:**

Beatriz de Sá

Daniel Abreu

Daniel Edgardo

Gabriela Isaias

Júlia Bediaga

Rodrigo Lima

Ruana Carolina

---

Cadernos do estrangeiro vol. II: Figuras da arte migrante na cidade

Rio de Janeiro: Escola de Comunicação – UFRJ 2017.

Esta obra inclui somente textos em português.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-92920-00-5

Prefixo Editorial: 92920

Tipo de Suporte: E-book

---

# SUMÁRIO

## **Jazz sobre os paralelepípedos, 11**

Alfredo, o francês que quer mudar mundo ao som do trompete

## **As molduras do tempo, 17**

Marcela, a chilena que restaura memórias

## **Aprendendo a abraçar, 21**

Brent, o escocês e sua melodia de amor eterno

## **De tio para sobrinho, 25**

Gustavo, o peruano que trocou a política pela arte

## **Ponto fixo? Nunca!, 29**

La Dominga Petrona, a banda sul-americana que  
não resiste ao apelo da rua e da estrada

## **Cartão postal, 35**

Isao, o taiwanês que rema entre música e fotografia

## **De bonecos e cidadãos, 39**

Susanita, a uruguaia que encena a identidade hifenizada da América Latina

## **De mulheres e de areia, 43**

Oscar, o argentino que dá vida ao  
barro

**Versão andina da cidade híbrida, 49**

Sérgio, o equatoriano e sua flauta (quase) mágica

**Os rituais invisíveis, 51**

Hajj, o libanês que aprendeu a escrever com luz

**Esboços de um destino, 53**

Juan Carlos, o peruano que não gostou do carnaval

**Liberdade – ainda que difícil, 59**

Radoslav, o búlgaro, e sua gaita-de-foles

# A ARTE DE SER ESTRANGEIRO

CADERNOS DO ESTRANGEIRO ESTÁ EM SUA SEGUNDA EDIÇÃO. A SÉRIE CONSISTE EM UM CONJUNTO DE PERFIS ELABORADOS A PARTIR DE ENTREVISTAS COM IMIGRANTES QUE, SEGUINDO UM RECORTE TEMÁTICO DETERMINADO, AJUDA A PERCEBER E REPRESENTAR A EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA MAIS INTIMISTA E SUBJETIVA.

O presente número, cuja temática envolve o cotidiano dos artistas imigrantes que vivem e atuam na cidade do Rio de Janeiro, foi elaborado a partir da aproximação de 12 artistas estrangeiros de diferentes áreas, o acompanhamento de seu trabalho e a realização de entrevistas sobre sua vida e produção artística.

Além de ajudar a apreender o fato migratório com maior sensibilidade, os perfis aqui reunidos buscam desvelar e expor a influência que a trajetória migratória e a cidade de destino têm sobre a produção artística desses indivíduos.

A arte supera a teoria e a dureza da realidade sociológica. Sua força está em sua sensibilidade e poder da imaginação. Através do olhar do artista, migrar não é um mero fato histórico, social ou geográfico. É um percurso que otimiza o potencial simbólico do artista, dá sentido ao caos de sua vida e lhe ajuda a enfrentar o novo e desbravar o desconhecido para, no final da caminhada, entender o mundo e a si mesmo.



# JAZZ SOBRE OS PARALELEPÍEDOS

Alfredo, o francês que quer mudar  
o mundo ao som do trompete

AS RUAS, QUANDO FINDA O DIA, SÃO TOMADAS POR UMA VERDADEIRA AVALANCHE de pessoas. Cortam, avançam e ultrapassam desenfreadas, até trombarem com outros seres apressados, em sua caminhada ligeira, visando chegar ao ponto de ônibus mais próximo, querendo logo encontrar uma estação de metrô, chegar em casa, reunir-se aos amigos em um bar. O fim de uma sexta-feira no centro da cidade, coração carioca, é como estar perdido e saber muito bem aonde ir, é como andar sem sentido, em infinitas direções, sabendo exatamente qual rumo seguir. Apesar da tranquilidade transmitida pela arquitetura clássica que domina essa parte da cidade, aquele, definitivamente, não era um anoitecer pacato; menos ainda quando se nota a presença de formas humanas incongruentes que destoam daquele cenário

Alguns fios jogados no chão, um tanto embolados e que convergiam para um pedestal. Uma maleta aberta, na calçada, com alguns trocados e CDs dentro. Um pequeno amplificador ao lado, camisa social combinada a suspensórios e um som que atraía olhares e ouvidos — até dos mais apressados — para aquela figura que tocava trompete: jazz! Alfredo poderia ser apenas mais um homem em uma estreita rua antiga de paralelepíedos, mas era músico.



Ex-ativista do Greenpeace, graduado em Linguística, fã de Beatles e Chico Buarque, The Doors e Radiohead, Alfredo Buendía é um jovem músico francês apaixonado pelo que faz. Engajado em causas políticas e sociais, Alfredo, que já tocou em seis países diferentes, espalha sua arte em solos brasileiros desde que sua mulher veio trabalhar aqui como pesquisadora.

Alfredo é desses artistas de rua que caíram no gosto dos brasileiros por tocar músicas agradáveis de se ouvir e ter um vocal pra lá de afinado. Apesar de seu repertório conter grande parte das músicas com letras

## *Curtir, reapropriar- se do momento.*

em inglês, o francês credita à melodia o poder de atração e conexão que possui com o público. Observar o músico tocar em meio ao caos urbano é, no mínimo inspirador, “a não ser para o velho amargo do 4º andar de um prédio no Leblon”, conta, aos risos. “A minha dignidade me impõe a tocar música ou fazer alguma coisa artística que seja boa para a humanidade. E como eu tenho sorte de fazer uma música boa, posso me olhar no espelho todos os dias que eu acordo e ver uma pessoa que não está fazendo besteiras no mundo”.

Na infância, o pequeno Alfredo morava em Chartre, cidade francesa a uma hora de Paris. Alfredo não estudou música, mas sua família sempre teve uma prática informal de exercer a arte: a irmã dele adorava cantar e, certa vez, os pais deram ao menino um simples instrumento, um órgão pequenino, para que ele pudesse divertir-se com as notas e tons das canções que ouvia. Mas foi em meados de 2002, brincando de fazer música com os amigos, que Alfredo começou a criar e inventar suas próprias letras, até decidir viver apenas da arte, em 2011, após pas-

sar oito anos na universidade, entre estudos de matemática, filosofia, linguística e inglês.

Exigente com sua própria filosofia de vida, Alfredo não queria fazer o que a maior parte da população faz: “Carros, máquina pra lavar roupa, o último modelo de televisão. Produzir coisas que não servem pra nada, senão alimentar uma economia. Isso pra mim é errado.” Após largar os estudos de Matemática, ele quis entrar “de cabeça” no mundo da música: “Então eu comecei a tocar na rua. Comprei um amplificador e comecei a me dedicar só à música, pra ver no que ia dar. Era um teste, vamos dizer. E deu certo: as pessoas compravam o meu disco, me convidavam para tocar nas festas...”

Para ele, a música tem o poder de transmitir sentimentos de forma muito mais eficaz que o discurso; ela é direta, chega no coração da pessoa. Tocar na rua, onde milhares de pessoas passam a cada minuto e os barulhos são inúmeros, pode ser um empecilho para que vários artistas exponham sua arte, mas Alfredo tem uma ideia diferente: “As cidades são feitas para transitar, e eu quero quebrar isso, quebrar essa tendência moderna de que o espaço urbano é feito para a eficiência do consumo. Eu quero tocar na rua, eu sempre vou tocar na rua para acabar com essa ideia. A minha mensagem para qualquer pessoa que está na rua é: ‘Para um segundinho, para de correr, fica tranquilo. Lembra que o tempo passa, que você só tem uma vida’. É uma proposta de curtir, de reapropriar-se do momento.”

Alfredo ama o Brasil. E como ama. Falar do país faz surgir um sorriso involuntário no seu rosto do francês, que considera o público brasileiro o melhor dentre todos os outros para os quais tocou. “Cada país tem a sua identidade: o francês é mais quieto, mais tranquilo. Vai gostar da música, mas vai ficar silencioso, escutando... Da mesma forma, a Espanha, Portugal... O europeu é assim. Mas o Brasil... o Brasil é diferente, é bem diferente! Aqui, muitas pessoas se permitem parar,

nem que seja por dois segundos, para observar a música. Podem até não gostar, mas, pelo menos, param para ouvir e depois vão embora. Em geral, os brasileiros valorizam a música.”

Alfredo conta que incorporou, no repertório, algumas canções que brasileiros lhe pediam. Ele também lembra que, mesmo antes de vir pra cá, sofria influências do Brasil enquanto ainda morava na França: já conhecia Bossa Nova, choro, alguns sambas, Tom Jobim e Chico Buarque, de quem é fã e classifica como “um dos melhores do mundo”.

Sobre o jazz, som que predomina em suas performances, Alfredo conta infinitas histórias, enquanto o verde claro dos seus olhos transborda amor pela música. O artista relaciona o ritmo americano com o choro brasileiro: “No choro, como no jazz, existe essa coisa de improvisação: o artista consegue se expressar de uma forma diferente a cada vez que toca. E o jazz é assim. A palavra jazz é assim. O jazz não é um gênero. O swing é um gênero, blues, free jazz são gêneros, vamos dizer. Mas jazz é uma postura, um estilo. Você pode tocar rock’n roll no estilo jazz, pode tocar valsa no estilo jazz.” Sobre as origens do termo, ele conta que há duas versões: na França, jazz poderia ter vindo de *jazzier*, que é uma forma de “explosão”. Mas também existem as hipóteses de que, na época, enquanto os rapazes tocavam, um ou outro dizia *jazz!*, algo como *vamos lá, vamos improvisar!*.

A noite cai, a Lua se aproxima e o trânsito dos carros flui cada vez menos em um engarrafamento estressante até mesmo para quem apenas observa as ruas. Enquanto surgem pessoas de todos os cantos possíveis e o barulho das buzinas e motores fica cada vez mais intenso, pergunto se é possível mudar o mundo com um trompete, uma pequena maleta e alguns discos a tiracolo. É aí que Alfredo responde, com toda a serenidade e alegria possíveis: “Os artistas estão sempre aí para lembrar das coisas importantes — e, se não importantes, ao menos agradáveis. A música é isso, pra mim: falar das coisas que precisamos, realmente, no

fundo do nosso coração para viver. E o meu trabalho, sendo na rua, vai até o público para dizer isso.”

Entre sorrisos, choro, jazz, Chico e algumas xícaras de café, Alfredo olha o movimento da rua, atento, se prepara para levantar e despedir-se: “Acho que vou começar a tocar: já chegou todo mundo.”

**Gabriela Isaias**



# AS MOLDURAS DO TEMPO

## Marcela, a chilena que restaura memórias

CONHECI MARCELA COMO MINHA VIZINHA, MORANDO ALGUNS ANDARES ACIMA, no pequeno prédio onde moro. Além de sua simpatia, se destacava dos outros vizinhos graças ao seu notável sotaque. Chileno. Mas como ocorre hoje em dia entre vizinhos, se ela se tornou familiar, sua história ainda me era desconhecida.

Marcela Tapia tem 40 anos, é casada com um paraense, mora e também tem seu ateliê particular no Leblon. É nele que realiza a maior parte de seu trabalho: restaura quadros e estruturas de madeira, além de dar aulas de pintura e restauração.

Por mais que seu sotaque entregue sua nacionalidade chilena, ela não foi criada lá: “Sou super estrangeira no Chile, nem espanhol falo direito.” Nasceu no Chile quase sem querer; seu pai sendo diplomata, a mudança de país era frequente. Cresceu no Panamá, na Argentina, na Espanha, na Alemanha, na França e na Itália. Posso explicar melhor: sua mãe é inglesa, também filha de diplomatas, e conheceu no Chile o pai de Marcela, que era chileno. E pelos ossos do ofício, se mudou diversas vezes ao longo da vida, levando Marcela e seu irmão (que também virou diplomata!); os dois estudando sempre no colégio americano.

Passou a adolescência na Alemanha, e é daí que “culpa” sua surpresa com o calor e informalidade brasileira. Depois se formou em

arquitetura na França e fez seu mestrado em restauração na Itália. Estava morando em Milão, “lugar sublime para restauradores”, quando decidiu nas férias visitar seu pai que estava trabalhando no Brasil. E segundo ela, foi esse o “bichinho que pica os estrangeiros”... Encantou-se pela beleza natural, pela descontração das pessoas e agora diz que quer morrer aqui. Ainda tem vontade de morar fora, e estudar em outros países, mas sempre voltando para cá. E está aqui desde os 25 anos.

Lembra que sua primeira impressão ao chegar foi o cheiro do lixo saindo do aeroporto. E, se ficou maravilhada com a vida tropical, também ficou chocada com o caos. Quando ela chegou, achava incrível como as pessoas usavam chinelo para ir ao banco, ou como iam desarrumados para o municipal. E depois de um tempo não conseguiu ir embora, “minha ideia foi ficar aqui e ponto final”.

Ao decidir se instalar teve varias dificuldades, sendo as maiores a papelada e a língua. Como seu pai estava trabalhando aqui, no começo tinha o visto de filha de diplomata. Depois, por sorte conseguiu entrar na lei da anistia, que dava o visto para os imigrantes que estavam no Brasil. Conta de amigos que ficam entrando e saindo do país porque só tem visto de turista, “o Brasil não aceita qualquer um”; conta também de um casal de amigos gays que não conseguem se casar para legalizar a papelada. E fala como, na verdade, o Brasil esta perdendo com a falta de estrangeiros qualificados: no ramo da restauração mesmo, “dá para contar nas mãos os bons profissionais”. Casada há 12 anos, poderia conseguir a cidadania brasileira mas não quer, acha que se virar brasileira, vai deixar de ser chilena por dentro.

Conheceu seu marido aos 27 anos, no baixo Gávea. Ele vindo do Pará, por outro lado, acha aqui muito seco e todo mundo aqui muito fechado, irritado. Nunca achou que fosse se casar, mas já estão a caminho de completar seus 13 anos juntos. Eles viajam muito, conhecem muito bem o Brasil, mas ainda não desistiram da ideia de que estão no Rio de Janeiro para ficar.

Mesmo falando cinco idiomas já (inglês, francês, alemão, italiano e espanhol) teve muita dificuldade com o português: “A língua mais difícil que já aprendi.” Demorou dois meses para conseguir falar alguma coisa.

Segundo ela, os cariocas facilitam a vida. Fez várias amizades rápidas, “as pessoas se abrem mais do que os europeus”, e ela, sendo extrovertida, se adaptou muito rapidamente. Ela compara com a Itália, onde sua cidadania chilena não era acolhida por causa do governo Pinochet, enquanto aqui “no Brasil todos adoram o Chile”. “Brasileiro tem mania de endeusar muita coisa doida, por exemplo, o diplomata. Aqui ser filha de diplomata era currículo!”

Largando o melhor país para restauradores, teve no Brasil um início de carreira complicado. Começou como voluntária do Museu Na-

## *O Brasil não aceita qualquer um.*

cional, onde recebeu proposta para ser efetivada. Não aceitou, desejava ter o próprio ateliê e não queria ser funcionária pública. E o Museu Nacional de certa forma limitaria sua profissão. Chegou a ganhar uma bolsa de doutorado em Nova Iorque, ficou nove meses e então abandonou para voltar para cá. Ela ainda quer voltar a estudar fora, mas aquela tese estava muito distante do lado artístico.

Hoje em dia, tem um ateliê onde faz seu trabalho e dá aulas. Aqui tem muito colecionador e, por isso, muitas obras importantes para restaurar. As aulas de restauração são muito requisitadas, mesmo que a maioria entre sem saber que na verdade é um trabalho bem técnico (ela se vê como uma “médica de quadros”). Não acredita que tenha influencia do Brasil em seu trabalho, afirma que vem dela mesmo.



O contato com o exterior ficou a base de viagens, família e meios de comunicação. Quer sempre estudar fora e, para manter o idioma, assiste televisão estrangeira, além de filmes e livros, mas conta que realmente não tem um grande vínculo com a Europa.

**Júlia Bediaga**

# APRENDENDO A ABRAÇAR

## Brent, o escocês e sua melodia de amor eterno

GRINGO QUE NÃO TEM COMO NEGAR. LOIRO, ALTO, MAGRO E DE OLHOS CLAROS. Esse é o Brent Proctor. Hoje com 33 anos, nascido na Escócia, mora no Rio de Janeiro há poucos meses. Ele canta, toca violão e procura formar uma banda. Nesse curto período de tempo, Brent já fez alguns shows para centenas de pessoas e se casou em uma festa quase surpresa.

Sua história com o Brasil começou quando conheceu uma “brasileira gringa” pelo MySpace, Yara. Nascida no Rio de Janeiro, foi morar na Califórnia ainda criança. Sua pele branca, olhos de gato e um português infantil confirmam o lado gringo, mas parte da sua família da Tijuca, bairro tradicional carioca, comprova suas raízes brasileiras.

Foram três longos anos de relacionamento além-mar, sem nunca terem se visto pessoalmente, até que Yara, que na época trabalhava como aeromoça, teve a oportunidade em uma de suas viagens de finalmente conhecer Brent cara a cara.

Em um ato que aqueles que não acreditam no amor julgam como loucura, Yara largou sua família na Califórnia e se mudou para Escócia. Sozinha, embarcou com coragem no seu futuro para ficar ao lado daquele que, dali a cinco anos, seria seu marido. Em Glasgow,

ele tinha sua música e ela tentaria a carreira como modelo que havia começado nos Estados Unidos.

Mas as coisas não pareciam decolar para o casal. Na Escócia, para tocar nos lugares públicos, como bares, a própria banda tinha que pagar, e a gravadora, com a qual Brent tinha um contrato, faliu. Encontrar uma produtora que financie os sonhos de um artista é difícil até mesmo na Europa. Quanto a Yara, apesar dos trabalhos que fazia, nada era muito certo. Foi quando decidiram vir para o Brasil, pensando que aqui teriam novas chances para as suas carreiras e, de quebra, mais dias ensolarados ao longo do ano.

Depois de tomada a decisão da mudança, veio um passo maior ainda. Casar. Além de concordarem que já estavam prontos para a vida conjugal, acharam que facilitaria o processo de visto de Brent. A família de Yara entrou em cena e organizou todo o evento em Santa Teresa, enquanto os dois acompanhavam através da internet. “Só provamos o bolo e as outras comidas no dia do casamento”, disse Brent.

O processo para acertar a documentação foi longo, com vários dias perdidos no aeroporto do Galeão, onde está localizado o posto da Polícia Federal. “Quando você pensa que tem todos (*os documentos*), sempre falta algo.” Além da extensa burocracia, o casal teve que pagar uma taxa por cada dia de visto vencido.

Apesar de toda a dificuldade com os papéis, o que mais complica a vida de Brent é a língua portuguesa: “os verbos e ainda tem que mudar o masculino e feminino”, desabafa, verbalizando o desafio que está pela frente.

A falta de prática com o português dificulta também na hora de fazer novos amigos. “Temos os nossos alunos” — Yara e Brent dão aulas de inglês para ajudar no orçamento familiar — “mas não é a mesma coisa”. A dificuldade em se adaptar, entretanto, não impede que Brent usufrua do *lifestyle* carioca. Ele e Yara já se aventuram em aulas

de *bodyboard* e começaram a planejar dias ao ar livre, além de ressaltar o prazer que é poder beber em espaços abertos. Para o escocês, no entanto, aqui ninguém precisa de cerveja para socializar. Enquanto na Escócia um primeiro contato só acontece depois da quinta caneca de cerveja, “que são bem maiores do que as daqui”, os brasileiros se abraçam logo que se conhecem.

Brent também começou a se aventurar pela culinária brasileira. Acha os “pastels” deliciosos e confessou ter acabado de comer um churro antes de nos encontrarmos. Ele acredita que o que faz o brasileiro se alimentar de maneira mais saudável é o fato de exibir tanto o corpo. Já que na Escócia todos andam escondidos embaixo de tantos casacos, não é muito grande a preocupação. A base da alimentação dos escoceses envolve frituras, seja com o famoso *fish and chips*, seja com a surpreendente barra de chocolate que é banhada na manteiga e depois levada para a frigideira. O resultado de tanta gordura satura-

***Não dá pra ver o coração.***

da é Glasgow ter se tornado a capital no mundo com maior índice de doenças do coração. “Como não dá para ver o coração, as pessoas não se preocupam tanto.”

Quanto à música de Brent, depois de descobrir com certa surpresa que músicas em inglês fazem sucesso no Brasil, em agosto, ele fez um show para centenas de pessoas em Volta Redonda, ganhando destaque como a atração internacional de um grande projeto do Mistura Carioca. Apesar de não conhecer nenhum dos músicos, que nem ao menos falavam inglês, eles ensaiaram durante o dia e fizeram um show de horas à noite. Contudo, depois dos aplausos, o resultado não foi dos melhores. Brent não recebeu seu cachê, apenas algumas refeições no local.

O músico também está em contato com produtores a fim de alcançar uma gravadora, mas a primeira tentativa confirmou um cenário

musical para poucos e para os espertos. Um destes não se mostrou disposto a deixar que um advogado fizesse uma terceira leitura do contrato, nem quis torná-lo mais favorável a Brent. Bastante conveniente pedir a um estrangeiro para assinar um contrato em português, né?

Yara e Brent continuam caminhando juntos com a arte. O produtor de cinema Mark Eberly contratou Yara para ser modelo em seu curta sobre Santa Teresa, mas assim que viu Brent, ficou encantado com a forma como os dois se complementam e decidiu colocá-los em seu elenco. O filme mostra os encontros e desencontros dos dois pelas ladeiras do bairro.

E assim, a brasileira *gringa* e o escocês que ainda está aprendendo a abraçar vão construindo sua história no Brasil, superando as mesmas dificuldades de um casal local, aprendendo e reaprendendo o português, tentando fazer parte desse país.

**Beatriz de Sá**

# DE TIO PARA SOBRINHO

Gustavo, o peruano que trocou a política pela arte

REDUTO DE ARTISTAS DESDE 2005, O LARGO DA CARIOCA SE TORNOU O SE-  
gundo lar de muitos destes. Onde passam grande parte dos seus dias  
divulgando e vendendo seu trabalho. Desde músicos, até artistas plás-  
ticos e circenses. Alguns quadros, desenhos e gravuras expostos, uma  
placa com nome de um artista plástico e seus contatos. Ninguém por  
perto. Perguntei a uma vendedora ambulante que estava ali perto se  
sabia algo dele, que me disse que era um rapaz novo, um peruano, e  
que um senhor que estava sentando num canto saberia me informar  
melhor. Fui até ele, contei quem estava procurando e fui informado  
que o artista estava em seu ateliê, no Edifício Central, e se eu lhe li-  
gasse, ele certamente desceria para falar comigo. Foi o que fiz. Mais  
alguns passos e estava em frente à plaquinha com seu nome e contato,  
Gustavo Masías, depois de três toques ele atendeu. Disse para eu ir até  
o ateliê, onde poderíamos conversar melhor.

Sétimo andar, uma porta de madeira, a placa dizia *Chancafe Estú-  
dio de Artes*. Toquei a campainha. Logo em seguida, Gustavo abriu a  
porta e me convidou para entrar em uma sala comprida. À esquerda,  
havia um computador e um laptop. Um deles era usado por um rapaz.  
Fomos para a parte mais ampla da sala repleta de cavaletes nos cantos,  
o que deixava o centro da sala livre. Quadros expostos nas paredes,

gravuras, um certificado de exposição de seu tio em um museu peruano. Expliquei a Gustavo do que se tratava a entrevista e ele se desculpou por não poder nos dar atenção naquele momento, pois tinha um trabalho para entregar em algumas horas. Trocamos contatos e fiquei de voltar num dia em que ele estivesse livre. Dois dias depois, liguei. Gustavo disse que poderíamos conversar naquela tarde.

Com 34 anos, desde os 21 vive no Rio de Janeiro. Nascido em uma cidadezinha no deserto peruano, Gustavo Masías veio, a princípio, apenas para passar um ano antes de ir para Europa. Fugido da ditadura peruana, era militante de esquerda: “No momento em que você descobre que seu nome está em certas listas, você tem uma decisão a tomar.” O socialista lutou até onde pode para mudar a realidade do seu país. Foi quando veio passar umas semanas na casa do seu tio, artista plástico, com quem aprendeu o ofício. “No Peru, é costume aprendermos o ofício daqueles mais velhos da família.”

“O verde foi o que mais me chamou atenção quando cheguei aqui. Cheguei no Santos Dummont, e fui até Copacabana. Fiquei encantado com o mar tão perto, o Parque do Aterro.” Sua maior dificuldade foi se adaptar ao jeito do brasileiro: no Peru, as pessoas não se tocam. Então, contou que certa vez estava no metrô, saltando na Estação do Largo da Carioca, quando uma senhora o tocou e disse: “sua mochila está aberta.” Achou aquela atitude muito estranha, mas ao mesmo tempo esse calor dos brasileiros foi o que mais ajudou a se adaptar. “Se hoje eu tivesse que voltar para o Peru, seria muito difícil me acostumar ao formalismo.”

“Os brasileiros exaltam o estrangeiro”, disse ele, em tom de repúdio, “veem qualquer estrangeiro, cantando, tocando, acha lindo, sem nem ter noção do que estão fazendo. Só gostam porque é estrangeiro”. Logo depois, contou que a exaltação ao estrangeiro, principalmente quando ligado à arte, o ajudou tanto profissionalmente, quanto na hora de conhecer mulheres.

Artista plástico, também dá aulas de desenho no ateliê que divide com seu tio. Ama fotografar: apesar de não ter nenhum curso na área, sua percepção como artista ajuda. Pretende trabalhar como fotógrafo em breve, mas por enquanto se habilitou a fotografar casamentos de amigos de graça, para montar um portfólio. “Assim outras pessoas terão no que se basear se quiserem me contratar.”

Nunca mais voltou ao Peru ou viu seu pai. Sua mãe morou um tempo no Brasil. Muitos familiares moram aqui e já estão na terceira geração. “Tenho duas filhas que moram com a mãe em Recife, então

## ***Sua mochila está aberta.***

minhas férias são planejadas sempre para passar com elas. Por isso, fica ainda mais difícil voltar e conhecer o Peru.” Então, percebeu que disse “conhecer” em vez de “visitar” e riu.

O único elo com sua nação é a música. Tem como hobby pesquisar sobre música, enxerga nesse leque uma possível profissão se não fosse artista plástico. Amante da *chicha*, um ritmo marginalizado no Peru e ao mesmo tempo sinônimo de “fora de moda”, é a voz da favela: retrata a briga, a vida daquele que saiu do interior do país e foi para a capital. Saudades? Apenas da comida. “Você precisa provar a comida peruana, é muito boa. Aqui no Rio até tem uns dois restaurantes, mas são muito caros. Meu tio estava em Nova Iorque e me ligou contando que lá tem muitos e para todos os bolsos.” Explicou que depois da ditadura, o Peru usou a culinária para divulgar sua cultura internacionalmente.

Quanto a sua relação com a comunidade peruana, disse que é restrito àqueles que estão na sua esfera de convivência. Criado na religião católica, sempre participou das festas de Santo Cristo dos Milagres, quando morava no Peru, e aqui participa da procissão que acontece em Botafogo. “É uma festa muito linda, que mobiliza a todos e aqui



não posso deixar de participar.” A comunidade também comemora a independência do Peru, 28 de Julho, sempre com almoços festivos.

Considera-se politizado, lê jornais peruanos on-line, “canal peruano é mal feito, eventualmente assisto programas musicais. Filmes que estão passando lá e sei que irei gostar, procuro pela internet e assisto. TV só para assistir jogos de futebol, aqui no ateliê não tenho tempo de parar e ver algum programa na televisão”. Contou ainda que foi em um jogo do Botafogo no Estádio do Caio Martins, estádio municipal de Niterói, se encantou com o time e a torcida e se viu ali botafoguese. “Até fui ao Maracanã depois, assistir um jogo do Flamengo, estava lotado, mais de cinquenta mil pessoas na torcida do Flamengo e foi só isso, apenas uma coisa bonita de se ver.” Sempre que pode volta ao estádio para assistir seu time jogar.

“Meu lugar de retorno, hoje, é o Brasil.”

**Ruana Carolina**

# PONTO FIXO? NUNCA!

**La Dominga Petrona, a banda sul-americana  
que não resiste ao apelo da rua e da estrada**

FIM DE TARDE NO LARGO DA CARIOCA. UM GRANDE NÚMERO DE PESSOAS saindo de seu expediente, a praça está cheia e, no meio do corre-corre, vê-se de tudo: um senhor branda no megafone o destino de todos os transeuntes — o inferno; moradores de rua suplicando por moedas; a correria daqueles que saem do trabalho e só querem chegar em casa... Tem de tudo. E tem Dominga Petrona. Sim, talvez você não vá pra casa tão cedo hoje.

Composta por cinco membros (quatro argentinos e um chileno), a banda latina enche de fúria musical todo o espaço do Largo da Carioca. O som que têm suas fontes no soul e no funk americano convida os transeuntes exaustos a uma parada rápida para ouvir o que a Dominga Petrona tem a dizer. Ela fala através de saxofones incessantes, bateria, baixo e guitarras contagiantes.

Christían Kiffer é o baixista da banda. 41 anos, nascido em Buenos Aires. Faz parecer ser o líder do grupo e relata todo o seu histórico: a banda começou sua trajetória na Argentina, em 2009. Christían já tocava havia 20 anos, quando decidiu tentar suas próprias composições. Juntou-se a um grupo de amigos e foi para as ruas se apresentar. “Ir pras ruas é nosso método de publicidade”, afirma. As ruas que Christían menciona, porém, não se limitavam às da Argentina e não pare-

cem se limitar às de nenhum país específico. “Tínhamos conhecidos que viviam por aqui e disseram que os cariocas iam adorar o som”, diz o baixista.

O sucesso da banda nas ruas do Rio de Janeiro tem sido um tanto satisfatório: já saíram duas vezes no jornal O Globo e já venderam mais de 10 mil discos, que são divulgados e distribuídos durante as suas apresentações de rua. Kiffer diz se empolgar com a receptividade dos brasileiros, que além de apreciarem o som da banda, dão dicas e indicam contatos. O músico quer estabelecer raízes no Brasil, mas a estrada nunca parece ser uma ideia abandonada, “talvez vamos ao Equador ano que vem, Europa... depois da Copa”. A importância de cair na estrada é, para a banda, quase tão grande

## *Ir pras ruas é nosso método.*

quanto a de fazer música: “viajar para abrir portas”, esse parece ser o lema de Christian, que pelo visto não teme sua vida nômade. “Família, amigos, namoradas, dívidas... tudo isso ficou pra trás, na Argentina”, completa.

O chileno Christopher Zuñiga é o mais novo de toda a banda, tem 19 anos e toca saxofone desde os 13. Saiu do Chile em direção a Buenos Aires para correr atrás de seus objetivos musicais. Lá, conheceu Christian, que o convidou para tocar no grupo. Durante quatro meses, porém, Christopher se ausentou da banda para viajar ao Peru e Bolívia. Para o jovem músico, o desejo de viajar vem de uma ânsia por conhecimento, “mais cultura, por favor!”, diz.

Assim como Christian, Zuñiga vê “pegar a estrada” como uma forma de abrir portas, oportunidades. “Viajando e buscando”, é o que diz o saxofonista. Sobre a receptividade da banda no Brasil, Christopher

comenta que o estilo da banda se adequa bem ao gosto brasileiro: “o Soul/Funk faz sucesso, há uma tendência pela musicalidade negra por aqui.” O músico chileno pretende continuar no Brasil pra conhecer mais músicos e estudar mais um pouco, “vou procurar um professor de música para me dar umas aulas.”

Quando o assunto é sua família e a vida que deixou pra trás, Zuñiga parece recuar: “fale comigo de música e só.”

As baquetas ficam nas mãos do argentino Alfredo Tosto, 28 anos, de Rosário. Ele toca desde os 13 anos e está na banda, e no Brasil, há pouco tempo. A razão que o fez chegar às terras brasileiras foi o interesse e a vontade de estudar a cultura africana da América do Sul: “comecei no Uruguai e vim descendo”, diz Alfredo.

Antes de tocar na Dominga Petrona, o baterista foi integrante de um grupo de música africana (dança e percussão). Desde cedo, Alfredo se interessava pela música e suas origens: “Quando eu era criança, estudava jazz e tocava folclore argentino... Depois me encontrei com o afro.” Encantado com o Rio, onde praias, cachoeiras e bosques estão a um ônibus de distância, o baterista diz que pretende ficar no país por pelo menos mais dois anos, explorando os mais variados ritmos de norte a sul.

Juan Julián Damian é argentino, tem 31 anos e é o responsável pela guitarra da Dominga Petrona. Seu contato com a música vem desde muito cedo, quando tinha uns cinco anos. Seu pai e seu irmão são músicos e sua casa era repleta de instrumentos. Membro da Dominga Petrona desde os tempos em que a banda ainda tocava nas ruas argentinas, o músico apoiou a vinda para o Brasil: “Novos ares, novas pessoas, viagens... Estávamos pensando em ir a outros lugares, uns amigos músicos nos falaram que aqui é um bom lugar pra trabalhar.”

Sobre a tão falada receptividade do carioca, Damian buscou fazer um paralelo com a Argentina: “Tem a ver com a situação política, a

Argentina em crise fez com que as pessoas não tivessem disposição, o astral mudou... Já o Rio de Janeiro é uma cidade muito rica artisticamente, as pessoas parecem dar real valor à arte... é um lugar tentador pra trabalhar.” O músico pretende se enraizar e fazer da capital fluminense seu palco fixo.

O Rio de Janeiro, contudo, não é uma cidade só de flores. Juan comentou sobre as desigualdades da cidade, assim como as dificuldades que os imigrantes enfrentam para alugar moradias, devido à exigência de “referências”. O guitarrista tem se virado do jeito que pode, transitando entre favelas, hotéis e casas emprestadas de amigos em Niterói.

Bento Cuenca tem 30 anos e é argentino. Toca saxofone e, junto com Christopher, dá “voz” à banda através dos sopros. Cuenca chegou ao Brasil em janeiro deste ano, trazendo na bagagem a vontade de trabalhar como músico nas ruas e o interesse pela MPB. “O Brasil tem uma cultura musical maior que a Argentina”, afirma o saxofonista, que já conhecia a bossa nova e agora teve a oportunidade de conhecer novos músicos, como Tim Maia.

A relação de Bento com a música é muito forte, quase como uma necessidade desesperada: “Eu não posso ficar esperando em casa pra fazer som, tenho que sair na rua todos os dias.” Aos 16 anos, quando ganhou um saxofone, foi morar com o seu professor de música, na Argentina.

Bento já esteve no Brasil, em 2007. “Eu tinha uma namorada no Leblon que conheci na Argentina, naquela época eu fazia som no La Boca, eu disse aos outros que aqui era um ótimo lugar pra trabalhar.” A despeito daqueles que querem fazer raízes por aqui, Bento parece o mais radical de todos, tanto pelas suas experiências de vida quanto pelas suas convicções e formas de se expressar: “Ponto fixo? Nunca!”, responde o músico de forma clara e direta.

A banda toda compartilha de um sentimento muito claro: o de que a música não pode se limitar a fronteiras imaginárias. Ela é, por natureza, migrante. Aqueles com bons ouvidos que façam o favor de segui-la.

**Daniel Edgardo**



# CARTÃO POSTAL

**Isao, o taiwanês que rema entre música e fotografia**

NASCIDO EM 1986, NA CIDADE TAIWANESA TAIPEI, ISAO CHEN É UM FOTÓGRAFO de cartões postais, violonista e guitarrista de ascendência japonesa. Sempre muito descontraído, Isao aceitou com muito agrado dar uma entrevista. Ele contou que seus pais também são artistas; contudo, apesar da arte aparentemente estar no sangue da família, ele nem sempre apostou nela como principal fonte de renda: se graduou em design industrial e fez uma pós-graduação em finanças.

Isao se mudou para São Paulo para expandir o negócio de seus pais, o comércio de cartões postais: “Cheguei em junho de 2011, por conta da Copa do Mundo e das Olimpíadas, achei que isso fosse atrair muitos turistas de todo lugar do mundo para cá. Então eu parei tudo que eu estava fazendo e vim para cá para expandir o negócio dos meus pais, mas não está indo muito bem até agora. Tudo aqui é muito difícil de ser feito.”

Quando perguntado se essa dificuldade era referente ao choque cultural ou ao governo, Isao foi bem claro ao demonstrar seu apreço pela cultura brasileira: “O governo é um grande problema, são muitos impostos a serem pagos. Eu vou ser honesto, esse é um país muito grande e muito diferente do meu. Você tem que perder muito tempo no trânsito todo dia. Taiwan é só uma ilha. As pessoas aqui



são simpáticas, em Taiwan todo mundo é muito frio. Eles nem cumprimentam os outros quando os encontram, você entende o que eu quero dizer? Na verdade eu gosto mais das pessoas daqui do que das de Taiwan. Aqui elas amam falar umas com as outras. Em Taiwan eles acham que precisam agir ‘cool’ e de maneira rude, sem serem gentis como aqui.”

Apesar de trabalhar com fotografia, a verdadeira paixão de Isao é a música. A fotografia teria sido imposta pelos pais, já que precisa levar o negócio da família para frente, como manda a tradição asiática. “Eu priorizei as fotos à minha vida por conta do meu pai. Trabalhar profissionalmente com fotos foi só aqui. Na verdade, eles odeiam até que eu encoste num instrumento musical.”

Não obstante a falta de apoio familiar, Isao se tornou um excelente músico. Com influências principais do Jazz e Fusion, dando aulas particulares desde os 19 anos, sendo que com 21 começou a tocar profissionalmente com um cantor de pop taiwanês, em bares, cafés e casamentos. Diz que mesmo estando no Brasil há mais dois anos, não foi muito influenciado pela música brasileira, pois as pessoas do seu círculo social também não a conhecem a fundo. Mas vontade é o que não falta. Isao conta que fez muitos poucos shows aqui no Brasil, sendo a maioria em alguns bares de jazz e na festa de ano novo chinês no bairro da Liberdade, em São Paulo. Ele relata também a dificuldade da vida de músico no país: “Eu conheci um músico local aqui, ele era praticamente um desempregado. Você tem de ter algum trabalho fora da música. Os tempos são ruins, eu acho.”

Atualmente, Isao acha possível conciliar os diferentes tipos de arte: “Bem, eu percebi que você pode conciliar as duas coisas. Conforme eu vou envelhecendo e tendo mais experiência eu descobri que posso usar as duas na minha arte independente da forma. Isso não é só para 10 ou 20 anos. Meu pai dizia: se você quiser fazer algo bem, você tem

de fazer aquilo por pelo menos 30 anos, do contrário é melhor você calar a boca. A educação japonesa é sempre assim.”

## ***Priorizei as fotos à minha vida.***

O taiwanês também tem como hábito o estudo da filosofia, principalmente a metafísica. Esse hobby surgiu quando estudava na faculdade e teve de cursar algumas disciplinas relacionadas à área. Mesmo depois do curso, Isao levou esse conhecimento para a vida: “Ela (*a filosofia*) me ajuda muito a ter um entendimento mais profundo de todos os tipos de arte produzida pelo ser humano e me inspira a criar fotos, músicas e me ajuda a me articular. Tudo é baseado nas suas ideias. Um homem que tem uma mente bela fará somente coisas belas, independente do que ele faça. Eu realmente acredito nisso. Se você toca por dinheiro, vai soar como dinheiro.”

Quando questionado se pretende esticar a estadia pelo Brasil, Isao demonstrou não ter certeza ainda: “Hum, não sei dizer ao certo. Você precisa se desafiar, correr riscos. Do contrário você nunca vai saber o que você pode fazer com a sua vida, saber se seus sonhos são possíveis.”

**Rodrigo Lima**



# DE BONECOS E CIDADÃOS

**Susanita, a uruguaia que encena a identidade hifenizada da América Latina.**

A ARTE RESSURGE, SEMPRE. DE TODAS AS MANEIRAS POSSÍVEIS, INDEPENDENTE de classe, raça ou país de origem. Susanita Freire, uruguaia de nascimento, brasileira por destino e latino-americana por convicção, é bonequeira há décadas, num universo tanto brasileiro como uruguaio, mas sempre latino.

Já casada e com filhos, Susanita se estabeleceu no Brasil no ano de 1972, após uma mudança de planos devida à ditadura militar no Uruguai, que forçou milhares de seus conterrâneos para fora de sua pátria. O que antes seria uma temporada para estudos acadêmicos de seu marido acabou se tornando o começo de uma nova vida em terras estrangeiras. Dois anos após se mudar de Montevidéu para São Paulo, a família veio a se estabelecer no Rio de Janeiro, onde vive desde então. Susanita, já carioca há bastante tempo, enfrenta, diariamente, desde então, a complicada realidade para o artista no Brasil.

Trabalhando especificamente em produção e teatro de animação, a arte que realiza é pautada tanto em sua realidade brasileira como em sua formação uruguaia. Parte do chamado “Departamento 20 Uruguaio”, união dos imigrantes uruguaio pelo mundo — que juntos tem mais do que a população de todo o país —, a cultura de sua terra natal

ainda influencia em sua vida. Por isso, ela mesma escolhe a alcunha de latino-americana, já que “ser latino-americana é uma forma de assumir que o Brasil me conquistou com sua cultura e suas contradições e que vivo integrada nos problemas do momento, mas que tenho uma visão mais ampla que ultrapassa as fronteiras geográficas”.

A organização “Departamento 20”, por si só, já traça um paralelo à dualidade latino-americana de Susanita. Ligada ao mesmo tempo ao governo do próprio país, mas mantendo os interesses tantos políticos quanto culturais dos milhares de Uruguaios que vivem no exterior, a organização é um exemplo de uma identidade hifenizada, multinacional. Surgida no começo do século XXI, é processo natural após a redemocratização do Uruguai, tentando trazer ao país, em certa maneira, cidadãos como Susanita, que deixaram a sua terra natal pelos mais diversos motivos; muitos expatriados pela própria ditadura que assolou o país por mais de uma década.

***Dualidade é parte da identidade.***

Há muito tempo engajada politicamente, Susanita sabe da importância da participação na esfera política dos seus dois países. No Brasil, como moradora e parte da população, e no Uruguai, ainda que longe, perto por todos os diversos laços que ainda mantém com a terra natal. A dualidade é parte da identidade; de um lado, gostaria de votar para presidente no Uruguai, por outro, sabe que poderia ser injusto — tendo em vista a grande população Uruguia que imigrou — decidir os rumos de seu antigo país a distância. O que não muda, porém, é a consciência de que a questão política, assim como artística, não se separa pelo tempo, e sim se soma.

Como a maioria dos artistas em nosso país, Susanita passa por dificuldades para encontrar um espaço e incentivo dignos para exercer

seu trabalho. Ainda que reconhecido, não necessariamente recebe as recompensas devidas. A arte, uma atividade de tempo integral, que é ao mesmo paixão e trabalho, acaba sendo desvalorizada. O governo, bem ou mal, libera dinheiro por meio de editais, mas de maneira bem menos satisfatória do que deveria. A briga política de Susanita não é apenas como cidadã, é também como artista. As diferentes esferas da vida pública se unem nessa figura.

Hoje, décadas depois de sua inesperada estadia no Brasil ter-se alongado, Susanita é uma pessoa diferente. Uruguaia, brasileira, latino-americana. As décadas em terras estrangeiras — hoje sua casa — construíram não só uma identidade hifenizada, como descrita pelo americano Jeffrey Lesser, mas também deram fruto ao que se pode chamar de arte hifenizada, viva e pulsante, amalgamo de duas culturas, duas vivências próprias e inseparáveis.

**Daniel de Abreu**



# DE MULHERES E DE AREIA

Oscar, o argentino que dá vida ao barro

CAMINHAR PELO CALÇADÃO DE IPANEMA É UM VERDADEIRO BANQUETE DOS mais puros prazeres e sensações à alma. Se as garotas de corpos dourados pelo sol seduzem olhares até mesmo dos senhores mais contidos, o belo ângulo formado pelas duas montanhas gêmeas tidas como símbolo da famosa praia carioca também não fica atrás — a paisagem hipnotiza qualquer um. Percorrer as pedras portuguesas que desenham aquele doce caminho em torno do mar é fascinante e um tanto perigoso: camuflado aos 40 graus de calor que marca o termômetro no canteiro central da orla, estão alguns detalhes que passam despercebidos aos olhos deslumbrados pela beleza da cidade-maravilha.

Quem cede atenções mais precisas a outros pontos que não o belo cenário da Ipanema de Vinicius consegue apreciar as brisas de frescor que outrora vêm e vão, as inevitáveis e salgadas gotículas de suor que surgem na lateral do rosto em um dia azul de verão. Consegue ouvir, de uma só vez, aquela profusão de sons, todos em um só ruído, e perceber, ao longe, as gargalhadas do ambulante que trabalha na areia. Observa o movimento da ciclovia e também os artesanatos coloridos expostos por grupos de hippies na borda da calçada. Quem se deixa levar pela sensibilidade do momento é capaz de perceber uma, duas, três grandes esculturas que repousam sob um coqueiro, feitas com os



grãos da praia. E, por trás delas, uma modesta figura contrasta com toda a magnitude daqueles monumentos.

De longe, Oscar tem o aspecto de um garoto. Baixo, bronzeado, bermudas e pés descalços. Porém, um olhar mais atento é capaz de revelar que ele é um adulto — e que a exposição constante ao sol talvez tenha lhe dado injustos anos a mais que a sua verdadeira idade. Homem de poucas palavras, Oscar prefere fazer a falar. E parece ser um mestre nisso.

Não é nada difícil imaginá-lo alguns anos atrás, ainda criança, descobrindo os dons que lhe levariam a inúmeros países da América Latina e seriam uma de suas principais formas de sustento um pouco mais tarde. Oscar fala com cautela, escolhe as palavras com maestria e, apesar de usá-las em número bastante reduzido, seleciona os termos com uma exatidão sem igual. É possível, ao dedicar uma atenção um pouco maior à conversa, saborear cada frase dita com o sotaque carregado e ser transportado à antiga Misiones, província argentina que ocupa os pensamentos e está presente em cada gesto seu.

Desde pequeno, Oscar é ligado à arte. Aos seis ou oito anos, conforme conta, ele começou a se interessar cada vez mais pelas pessoas, animais, objetos e outras formas que podia fazer com as próprias mãos. “Ainda pequenininho, eu comecei como todo mundo, com argila, na escola. Depois, fui esculpir com barro e, mais tarde, parti para a areia”, relembra. O argentino começou a se aventurar pelos grãos de areia com a ajuda de Mario Plata, um artista francês que vivia enfeitando as praças de sua cidade com algumas esculturas.

O encanto com os grãos de areia confunde-se com a história de amor de Oscar com o Brasil. Um pouco antes de se mudar para o país, cerca de 12 anos atrás, o argentino aprendeu os truques e segredos da “mágica” que, mais tarde, lhe possibilitaria dar vida ao que outrora era inanimado. Das partículas salgadas que beiram as ondas do mar, Os-

car modela cavalos, recria paisagens, formata cenas históricas. Como aprendeu a técnica um pouco antes de conhecer os solos brasileiros, o artista acabou usando as praias do Rio de Janeiro como principal artifício para por em prática e aperfeiçoar o novo talento que fora descoberto. “Vim pra cá para conhecer e fiquei apaixonado!”, disse ele, que já passou pelo Chile, Equador, Peru e Bolívia antes de escolher as terras canarinhas como novo lar.

Para esculpir São Jorge e seu cavalo, por exemplo, Oscar não leva menos que um dia. Se a estátua de areia for a reprodução do cenário da Santa Ceia, então o trabalho pode durar ainda mais e dependerá crucialmente da estabilidade do tempo naquela data. A efemeridade de sua arte, aliás, não é algo que o preocupe. “Eu sempre fiz o que eu gostava, o que eu acreditava. Se eu quiser criar um carro, crio um carro. Se eu quiser fazer um elefante, faço um elefante. E se for um rato,

## *O Brasil expira arte.*

que seja um rato. Por menor que seja, ele pode dizer algo a alguém. E se não disser, terá dito pra mim.” O que, à primeira vista, pode ser um pensamento simples, esconde um vasto conteúdo filosófico. Há não muito tempo atrás, um sábio escritor norueguês usou, felizmente, uma metáfora não muito distante da realidade de Oscar:

“Não é o castelo de areia a coisa mais importante na brincadeira da criança. O mais importante é a imagem de um castelo de areia que a criança tem na cabeça antes de começar a construir o castelo. Por que outra razão você acha que ela destrói com as mãos o castelo que acabou de construir?”

O pensamento é de Jostein Gaarder e sua tradução é facilmente identificável em cada reflexão feita por Oscar — ainda que ele não

tenha ouvido falar ou conheça muito bem a figura de Gaarder.

Minas Gerais, Bahia e Pernambuco são alguns dos estados brasileiros pelos quais Oscar já passou. Para o argentino, o público do Brasil é especial: “Em todas as cidades daqui você encontra pessoas que gostam de arte. O Brasil inspira e expira arte.” Oscar conta que utiliza os belos cenários da cidade carioca como fonte de inspiração para compor novas esculturas principalmente nos períodos de alta temporada. Os turistas ficam fascinados com os protótipos de Pão de Açúcar, Cristo Redentor, Baía de Guanabara e outros cartões postais da cidade na versão “praiana”, feita com grãos de areia. Além de receber alguma quantia singela dos admiradores de seu trabalho, Oscar também faz textos espirituais para um centro religioso da cidade.

Modesto, o argentino tem plena consciência de seu talento, mas ressalta que a arte é uma característica inerente a qualquer um. “Todo mundo faz arte de algum modo. Você faz arte quando assovia uma melodia que veio na sua cabeça, quando toca as cordas de um violão, quando pinta cores em uma tela. E eu faço arte com a areia do mar.”- Sobre seu maior estímulo, ele conta que vem de dentro: “A gana de viver que o meu coração sente é o que me impulsiona a mostrar a minha arte. Acredito que, se a gente está aqui e recebe um dom, é pra mostrar aos outros e tentar melhorar a realidade de alguma forma.”

“Os caminhos da vida surpreendem qualquer um. Isso é o que eu aprendi, não o que eu escolhi. Foi algo que me aconteceu e que eu aprendi a amar”, confessou Oscar. Quando indagado sobre suas figuras prediletas para esculpir, um sorriso sincero desperta no rosto do argentino. Dinossauros ressurgem da história antiga, leões deixam a savana para ir à praia, São Jorge e seu cavalo trocam a Lua pelas areias e pontos turísticos, outrora coloridos, ganham tons de bege claro. Ele fala com entusiasmo de cada uma de suas inspirações e explica que, durante o processo de composição, aproveita para contemplar o mo-

mento em que ele e a arte tornam-se um só.

Enquanto a maré não sobe, o vento não sopra ou a chuva não cai, as fortalezas de areia feitas pelo artista continuam firmes, grão por cima de grão, em um equilíbrio que desafia até mesmo a mais exata das matemáticas. Mas se o clima mudar, o dia nublar e o tempo fechar, qual o problema? Os castelos de areia “estão na cabeça” de Oscar, como diria Gaarder. E as mulheres brasileiras também.

Pois é. Faltou dizer que essa praia da zona sul não é plano de fundo das obras do artista em vão. Assim como os senhores mais contidos, Oscar não pôde resistir: ele também tem uma queda pelas garotas de corpos dourados que balançam docemente a caminho do mar de Ipanema.

**Gabriela Isaias**



# VERSÃO ANDINA DA CIDADE HÍBRIDA

## Sérgio, o equatoriano e sua flauta (quase) mágica

PRAÇA QUINZE. SEXTA-FEIRA À TARDE. ÀS VEZES SÃO DOIS OU TRÊS, PODEM estar acompanhados de suas esposas, cunhadas, noras ou irmãs, vendendo seus discos enquanto tocam, às vezes estão até de crianças brincando ao redor. Eles são peruanos, equatorianos, bolivianos. Músicos de rua. Músicos andinos. Costumam tocar em grupo. Sérgio Humberto, porém, tocava sozinho junto à cunhada que vendia seus discos.

O jovem equatoriano de vinte e três anos está há cinco anos no Brasil. Deixou o Equador buscando por “liberdade” e “independência” e veio às terras brasileiras trilhar oportunidades e caminhos com a sua música. Começou sua trajetória em São Paulo, onde ficou por um ano e meio, e depois seguiu viagem ao Rio de Janeiro, atraído pelas belezas naturais. Reside na cidade com a sua mulher, também equatoriana, e sua filha.

A vida musical de Sérgio iniciou-se cedo, com as aulas de bandolim dadas pelo seu pai quando o músico tinha apenas oito anos. Desde então Sérgio tornou-se multi-instrumentista dominando, principalmente, os instrumentos de sopro do folclore andino. As canções tocadas por ele são em boa parte uma mescla de música folclórica andina com pop internacional, resultando em híbridos interessantes como uma versão “flautada” de “Let it Be”, dos Beatles. O músico diz fazer essa fusão

aumenta a receptividade dos ouvintes para a música andina. “Eu faço música para relaxar e acalmar as pessoas.” Seus discos, uns gravados por ele mesmo no Equador e outros por amigos, são reconhecidos pela melodia suave dos instrumentos de sopro.

Apesar disso, Sérgio não se mantém só com a música e não se limita ao Rio de Janeiro como local de trabalho. Na época de “férias”, o músico vai a diversos lugares do país como Brasília, Curitiba, entre outros, para vender roupas e trabalhar, geralmente, em festas de igreja: às vezes tocando ou ajudando na organização das festas.



## *Terra de oportunidades?*

Sérgio diz ter escolhido o Brasil devido à imensa “propaganda” do país que se espalha pelo Equador. Segundo ele, o Brasil era exibido como uma “terra de oportunidades”, tal qual os Estados Unidos. Quando chegou aqui percebeu que as coisas não são como na televisão, passou por dificuldades e, apesar da rápida adaptação, não domina a língua portuguesa, com a qual nunca se entendeu muito bem.

Quando perguntado sobre a receptividade e preconceito por parte dos brasileiros, Sérgio foi enfático: ele existe. Disse já ter sido chamado pejorativamente de “índio” na rua algumas vezes. E acrescentou que sofre mais preconceito no Rio de Janeiro do que sofreu em São Paulo. Contudo não trocaria uma cidade pela outra e o motivo é muito simples: “Gosto muito de praia e as daqui são muito bonitas.”

**Daniel Edgardo**

# OS RITUAIS INVISÍVEIS

**Hajj, o libanês que aprendeu a escrever com luz**

GABI HAJJ, NASCIDO NUMA PEQUENA ALDEIA DO NORTE DO LÍBANO, PASSOU boa parte de sua infância vivendo o que se poderia chamar de vida do campo. Aos 16 anos, contudo, saía de sua terra natal para a vizinha Síria, fugindo da guerra civil que se alastrava por todo o território. Após quase um ano em Damasco, decide vir ao Brasil, viver com seu tio, arcebispo da Igreja Ortodoxa no Rio de Janeiro. Ao chegar ao novo país, seguiu o caminho de muitos de seus compatriotas que também fugiram da guerra e se estabeleceu trabalhando como comerciante.

Ao longo das décadas, Hajj casou-se, formou família e teve filhos. Também abriu seu próprio negócio no ramo alimentício, fabricando pão árabe. Ainda assim, apesar do passar dos tempos, uma inquietação continuava a tomar a vontade de criação de Gabi, uma paixão que trazia consigo desde jovem: a fotografia. Assim, ele resolveu começar a estudar com seriedade a arte de capturar imagens que, aos poucos, se tornou algo muito maior do que um simples hobby. A habilidade de escrever com luz tornou-se uma atividade importante em sua vida, influenciando a própria visão de mundo do libanês.

Depois de muitos anos fazendo cursos e estudando por contra própria, Gabi descobriu seu foco: fazer um estudo das populações étnicas e sua cultura pelo mundo. O fotógrafo se propôs a entender a condição



de pertencimento a um lugar e quais hábitos fazem parte desse ritual, revela a interação entre o natural e o artificial construído pelo homem à sua volta ao longo de milênios.

Gabi também fotografa a natureza, em especial locais remotos, onde vê o extremo oposto: terras intocadas pela cultura, afastadas do homem. As cidades e o vazio são uma oposição em suas obras, e o homem é o meio de transição.

Sua condição como imigrante é central na sua obra. O fato de estar inserido socialmente, mas ao mesmo tempo se sentir distante dos que estão a sua volta, ajuda a perceber as idiossincrasias de um povo, suas manias e trejeitos tornados naturais ao longo do tempo. As peculiaridades de um povo são muitas vezes os rituais invisíveis que impedem a integração total de um imigrante. E com Hajj não foi diferente: “sou brasileiro, mas minha alma ainda é libanesa.”

*Minha alma ainda é libanesa.*

As muitas décadas destrinchando as pequenas trivialidades do comportamento brasileiro treinaram o olhar de Gabi, sofisticando sua capacidade de observação de outros povos através da fotografia. A profundidade das séries fotográficas feita em viagens à Índia e ao Nepal comprova isso. O tempo passado fora faz com que Hajj também seja capaz de captar as mudanças nos hábitos em sua terra natal. O artista é uma mistura do que viveu e de uma nova realidade; sendo ele mesmo um híbrido, como todo imigrante, da soma de várias culturas.

**Daniel de Abreu**

# ESBOÇOS DE UM DESTINO

## Juan Carlos, o peruano que não gostou do carnaval

O LARGO DA CARIOCA É UM DOS LUGARES MAIS MOVIMENTADOS DO RIO DE Janeiro, paisagem composta por uma das maiores estações de metrô da cidade. Uma de suas saídas fica na Avenida Rio Branco. Próximo a ela, está o Edifício Central, prédio mais conhecido desta avenida, e a frente do metrô é palco de artistas plásticos, músicos, vendedores ambulantes e feira de livros usados... e milhares de passantes. Não é difícil de imaginar que ali tenha, ao menos, um migrante.

Desenhos expostos em cavaletes, reprodução de fotos de atrizes brasileiras famosas, que dispostos num meio círculo delimitavam o espaço. Perfeição no traço, ao menos para uma mera apreciadora da arte, sem maiores conhecimentos técnicos. Duas pastas de camurça no chão, ao pé de um dos cavaletes. Uma folha A4 com dados para contato: *Artista Plástico Juan Carlos*. A poucos centímetros do trabalho exposto está um senhor de aparência exausta e cabelos grisalhos que entrega sua nacionalidade ao dizer: “Sí, eu que faço.”

De início se mostrou lisonjeado e tímido ao aceitar ser entrevistado. Suas respostas se limitavam a responder estritamente o perguntado, sem maiores detalhes ou devaneios. Residindo no Brasil há 18 anos, disse que sua escolha foi impulsionada para onde ele considera o mercado para artistas é maior e conseqüentemente mais valorizado.

Segundo Juan Carlos, no Peru não existia demanda para sua arte. Antes de aterrissar no Rio de Janeiro, foi para o Chile e depois Argentina, onde viveu por oito meses.

Conforme a conversa fluía, ficou mais à vontade e passou a compartilhar detalhes da sua vida. Contou que é o caçulo de dez filhos, seus pais já faleceram e é viúvo. Formado em administração de empresas, não se via prendido à sua terra natal. Depois de um convite para trabalhar em uma Organização Não Governamental fundada pelo teólogo Leonardo Boff, a SEOP, veio para o Brasil no ano de 1995. Diferente do dito no início da conversa, quando indagado sobre o que o motivou a escolher o Brasil. Disse que desde pequenino costumava pintar, desenhar em seu tempo livre e cinco anos depois, quando a ONG faliu, seu tempo foi preenchido com o que antes era apenas um hobby.

Um dia recebeu um casal de amigos em sua casa, na Lapa, e, encantados com tudo que viram, encomendaram uma escultura. Pouco a pouco sua clientela foi aumentando, até que um dia o presidente do Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano viu seu trabalho e o convidou para compor a equipe responsável pelas alegorias do desfile da escola de Madureira.

No momento em que começou a contar sobre a época em que trabalhava no tão famoso carnaval carioca, pegou um dos álbuns de fotos que carrega dentro de sua maleta de camurça e mostrou imagens de suas alegorias: “No início fiquei com medo de aceitar, nunca tinha produzido algo naquelas dimensões, mas depois acabei convencido a aceitar.”

Seu último trabalho foi ao lado do renomado carnavalesco Joãozinho Trinta, que também fazia seu último desfile no carnaval do Rio. O artista falou ainda sobre as condições de trabalho do lugar — além de considerar extremamente incômodo ter que dividir o pequeno espaço de trabalho com várias pessoas.

Outra coisa que o incomodava era a consequência de ter vários artistas num só espaço, “cada um enquanto produzia ouvia a música que lhe convinha, deixando o ambiente tumultuado”. Ao relatar o caos musical do barracão, disse que preferia ouvir músicas clássicas enquanto trabalhava com esculturas. Por vezes a obra pedia uma música mais agitada, então ouvia rock. “Cada obra pede uma música”; nota-se a importância desta em seu processo criativo.

## ***Cada obra pede uma vida.***

Então mais uma vez, um casal de amigos pediu para desenhar uma foto deles, e perguntaram: “por que não ganhas dinheiro com isso?” A partir disso, passou também a desenhar para vender e escolheu o Largo da Carioca como local para vendas, “onde artistas de rua têm espaço para vender o que criam. Trabalho aqui há dez anos.” Além de seus desenhos, ainda faz esculturas e já deu aulas de desenho em uma Escola no município de Magé, a cerca de cinquenta quilômetros de distância da capital. Mais uma vez pegou outro álbum e mostrou fotos de seus alunos.

Ao ser perguntado se há algum período do ano em que a demanda por seu trabalho é maior, analisou: “A arte não é artigo de primeira necessidade. Os meses como janeiro, fevereiro e março são muito ruins para o artista. Tem o Réveillon, carnaval, matrícula de escola, muitos impostos. Então as pessoas definem suas prioridades, e o consumo da arte não está entre elas.”

Confessou não sentir saudades do Peru. Apenas daquilo e daqueles que já não são — inclusive de seus pais, falecidos. “Se as pessoas ainda vivem, vivem em mim.” Não se sente ligado ao seu país; disse, ao se referir às suas pinturas, gravuras e material de trabalho, que esse é o seu mundo.

Maior dificuldade ao chegar ao Brasil? A convivência e o idioma, que já pontuara como empecilho, além de sua timidez, creditada a um quadro de Síndrome de Asperger — um tipo de autismo em que o indivíduo apresenta dificuldade de interação social, em processar e expressar emoções e com mudanças em sua rotina e interpretação literal da linguagem.

Muitas vezes, pessoas com Asperger são consideradas rudes e frias, quando na verdade é apenas o modo que tentam reagir ou entender as ações de outrem. Sob acompanhamento psicológico e psiquiátrico, pode haver algum tipo de mudança. Ao compartilhar ter síndrome de Asperger, justificou, em certa medida, seus hábitos e maneira metódica de trabalho que, por exemplo, resultou no abandono do emprego que possuía em escolas de samba; bem como o fato de não ter muitos amigos, e sim muitos colegas.

Juan não mencionou qualquer relação com a comunidade peruana que vive no Rio de Janeiro. Só sabe sobre o que acontece em seu país pelos noticiários brasileiros. Não tem interesse em procurar em outras fontes de informação.

**Ruana Carolina**

# LIBERDADE — AINDA QUE DIFÍCIL

## Radoslav, o búlgaro, e sua gaita-de-foles

NASCIDO EM SÓFIA, BULGÁRIA, DURANTE O PERÍODO COMUNISTA, Radoslav Miryanov é um músico de 42 anos que veio para o Rio de Janeiro em 2003 com a esposa, uma atriz brasileira que conheceu na França. Apesar de só ter chegado em terras brasileiras no século XXI, logo que a cortina de ferro dos países socialistas começou a ruir com a queda do muro de Berlim, Radoslav se mudou para a Europa Ocidental, fixando-se em território francês e estudando na Sorbonne.

Ainda que demonstrasse alguma saudade de casa, o músico certamente não tem nostalgia nenhuma do período totalitário: “O regime da época limitou muita gente, mesmo tendo algumas coisas com acesso mais fácil, como saúde e livros, quando surgia algo bom vindo do capitalismo eles oprimiam, não deixavam você ter acesso a isso. As pessoas às vezes não viam isso que é uma coisa muito interessante, esse intercâmbio cultural.”

De sua família na Bulgária, resta apenas um irmão, que se tornou professor universitário de design, e sua respectiva família: “Meu irmão mais velho tem uma vida de um nível um pouco mais alto na Bulgária porque ele correu atrás, estudou, pesquisou. Eu tenho contato com eles pela internet, Facebook, e-mail, Skype...”

Mesmo com a melhora ocorrida nos últimos anos, Radoslav afirma que a situação em seu país natal ainda é difícil: “Todo mundo fala que a situação está bem desequilibrada, bem difícil com a inflação que vem afligindo a Europa. Tem muitos países que sofrem. E tem muitas pessoas que posso te dizer que têm uma base boa cultural que vão se interessar e vão além, vão pesquisar para onde ir, vão fugir de uma coisa que prende, que não dá possibilidade, não deixa você expandir, que limita. Eu vi uma reportagem, eu acho que o salário mínimo lá é de 85, ou 86 reais por pessoa. O máximo chega a 500, 600 reais, mas você tem que trabalhar em quatro ou cinco empregos para ganhar esse salário.”

Na França, o músico conta que, apesar de ter tido maior qualidade de vida do que em seu país de origem, também passou por certas difi-

## *Acho que me sinto brasileiro.*

culdades: “Lá na Europa eu acho que tem uma preservação, a pessoa não se entrega logo na primeira vez. Depois que caiu o muro de Berlim, começou a ter mais liberdade, por isso que eu fugi para França, porque eles têm esse negócio de liberdade, igualdade e fraternidade. Podia tocar na rua, no metrô, nas barcas do rio Sena, era mais fácil lá do que na Bulgária.” Mas o pior mesmo eram as dificuldades financeiras: “Teve meses em que eu e minha esposa comíamos só arroz com ovo. A gente juntava dinheiro durante dias para comprar um pedaço de carne que era medido, para não nos complicar demais. O euro complicou muito a situação.”

Já no Brasil, a situação foi um pouco diferente: “No início eu não queria vir porque achava que ia ser difícil, mas a gente teve o apoio da família da minha esposa e foi mais fácil.” Radoslav disse que as principais dificuldades que encontrou para se adaptar ao país foram a

alta burocracia governamental, com a qual ele ainda está se acertando, e a violência cotidiana no Rio de Janeiro: o músico já passou por dois assaltos à mão armada. Quanto à recepção de estrangeiros no Brasil, ele é otimista: “Eu acho que se você não faz nada de errado, não incomoda ninguém, você não é mal visto. As pessoas são mais abertas, mais calorosas. Aqui acho que é tudo mais fácil, você pode ir num grupo, conversar com alguém e te convidam para uma canja.”

Radoslav já se vê como brasileiro, tamanho é seu grau de adaptação à cultura local: “Acho que me sinto brasileiro, porque eu me integrei. Se você se integra na sociedade do país onde você está, acho que você pode perfeitamente guardar a sua nacionalidade e se integrar na sociedade, se sentir carioca, brasileiro. Se você começar dizendo que o Brasil é ruim, e só isso, não, o Brasil tem muitas coisas legais. A gente vê que não é complicado comprar comidas, roupas, condução, é muito mais livre do que na Europa. “

Tendo se interessado pela música desde criança, atualmente ele toca clarineta, *duduk* (flauta doce búlgara), zabumba e gaita-de-foles, com foco neste último. Por ser um instrumento exótico para a população brasileira, a gaita-de-foles causa um estranhamento: “Vou me encaixando nos estilos em que pode ser usada a gaita de foles. Acho que aqui ela pode ser usada nos estilos medieval, barroco e da Europa do leste. Na bossa-nova, que eu gosto muito, eu uso clarineta, flauta. Sinto dificuldade para trazer a gaita-de-foles para esse gênero porque as pessoas não têm conhecimento, eu vejo que eles acham um pouco engraçado. Se for bem elaborado elas não acham engraçado, fica muito bem harmonizado, muito bem colocado.”

“Hoje em dia vejo que tem músicas que dá para fazer, como o sertanejo, dá para colocar. Na Bulgária isso é muito comum, mas lá é comum você ver um acordeom, gaita de foles, bandolim, uma flauta e uma zabumba – um quinteto desse tipo de instrumentos, que é tipi-



co de lá. As pessoas misturam esses instrumentos tradicionais com instrumentos modernos. Fazem muito isso, é muito comum lá, fazem festas, casamentos, batismos.”

Desde que chegou ao Brasil, o búlgaro já trabalhou em diversos ramos: fez sonoplastia para peças de teatro, participou de festivais de música e deu aulas de música. Atualmente, estuda pedagogia, dá aulas de musicalização infantil em duas escolas e toca num grupo de música do leste europeu chamado Go East Orkestar.

Ele diz que é difícil sobreviver só do trabalho artístico: “Eu acho que a vida de músico é difícil em qualquer lugar, realmente. Se você pegar um músico que foi para a Argentina, para Nova Iorque, decidido a viver como músico, isso vai ser difícil, porque aconteceu isso comigo quando eu fui pra França como músico. Teve um período em que eu morava nos albergues, morava na rua, vivia ganhando dinheiro na rua, ganhando cachê na rua, subsistindo. “

“Nós dois somos artistas, minha esposa é atriz de teatro. Juntando e vivendo só disso sem apoio de alguém da família, dos amigos, não conseguíamos nos sustentar. Porque com teatro, trabalhando só com peças, não sei se sobreviveria nem no Brasil nem na Europa. Com a música é a mesma coisa, você tem de fazer várias outras coisas para conseguir sobreviver e ganhar bem, ter um recurso bom.”

Radoslav disse que sente saudade somente de algumas comidas, mas que consegue se encontrar boa parte dos ingredientes em supermercados e mercearias *gourmets* daqui: “Dá pra fazer algo búlgaro-brasileiro.” Perguntado se teria vontade de voltar à terra natal, o músico foi bem direto: “Por enquanto não. Voltaria como visitante, fazendo uma viagem, um passeio. A minha vida toda já tá estruturada e encaminhada aqui, porque já tenho meus documentos, carteira de trabalho, visto, filho que nasceu aqui... Se eu voltar para a Bulgária, vou me sentir como estrangeiro. Já tentei fazer isso antes de vir para

cá, eu via outro mundo, uma coisa que me chocou muito.”

“Minha mulher me perguntou por que eu fui, tive uma recaída, uma dificuldade de ver as coisas que estão acontecendo, aí acabei caindo numa depressão. Não profunda, a gente pensa que voltando vai encontrar outra coisa, mas não. Mudou só a liberdade, agora as pessoas têm mais liberdade, mas a política é a mesma, só um pouco menos comunista, não mudou nada.”

Por fim, o búlgaro concluiu que vê o Brasil como terra de oportunidades e bem receptivo a imigrantes: “Aqui eu vejo que você pode ser da Bulgária, pode ser da Argentina, pode ser do Paraguai, pode ser de Uganda e você vai ser visto do mesmo jeito que um brasileiro. No trabalho eu vejo isso. Como exemplo posso falar das crianças para quem dou aula, tem uma menina que é grega, um menino que é espanhol e um menino indiano. A gente vê e é todo mundo brasileiro, é todo mundo carioca, não tem nada de outro mundo. É todo mundo bem amigável, todo mundo bem aproximável.”

**Rodrigo Lima**





